

O dialético e a *tékhnē* no *Crátilo* de Platão

Daniela Brinati Furtado*, Fábio da Silva Fortes**

RESUMO: Neste artigo, avaliamos a noção de *tékhnē* em três contextos do *Crátilo*, que nos permitem identificar três nuances associadas ao termo: 1. como um “saber fazer” por intermédio de um instrumento (388e-389a); 2. como posse de um saber noético, no âmbito da análise etimológica dessa palavra (414b-c) e 3. como a arte de representação das coisas através dos nomes (428a-440e). Nosso ponto é mostrar que tais sentidos não são estanques e fragmentários, mas decorrem do próprio movimento dialético deste diálogo.

Palavras-chave: Platão; *Crátilo*, *tékhnē*; dialético.

Dialectic and *tékhnē* in Plato’s *Cratylus*

ABSTRACT: In this article, we evaluated the notion of *tékhnē* in three contexts of the *Cratylus*, which allows us to identify three nuances associated with the term: 1. as a “know how” intermediated by an instrument (388e-389a); 2. as the possession of a noetic knowledge, in the moment of the etymological analysis of this word (414b-c) and 3. as the art of representing things through their names (428a-440e). Our point is to show these meanings not as something disconnected and fragmentary, but that they are developed within the dialectical movement of this dialog itself.

Keywords: Plato; *Cratylus*; *tékhnē*, dialectic.

Introdução

Ao fazer um estudo dos diálogos de Platão podemos perceber que a palavra *tékhnē* se encontra muito presente em diferentes diálogos (BRANDWOOD, 1976), o que nos leva a pressupor a existência de alguma preocupação conceitual do filósofo com esse termo que, por já ser presente na cultura grega, possuía significados e usos estabelecidos. Contudo, Platão, em suas obras, como o faz com outras palavras do vocabulário comum da língua grega, ressignifica também esta, propondo-lhe nuances semânticas próprias e tornando-a compatível com princípios da sua filosofia.

Esse artigo tem como objetivo verificar, no *Crátilo*, alguns dos contextos nos quais o termo *tékhnē* aparece, avaliando seus sentidos e compromissos teóricos com o pensamento de Platão, nesse diálogo.¹ Para isso, refletimos, inicialmente, sobre algumas conotações comuns da palavra *tékhnē* no contexto clássico; para, então, especificarmos

* Mestranda em Filosofia (Filosofia Antiga) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Doutor em Filosofia (2019) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre (2008) e Doutor (2012) em Linguística (Estudos Clássicos) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Licenciado em Letras Clássicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2005).

¹ Resultado do Projeto de Iniciação Científica “O dialético e a *tekhnologia* no *Crátilo* de Platão” realizado na UFJF com bolsa PIBIC/CNPq, orientado pelo Prof. Dr. Fábio Fortes.

alguns dos contextos em que o termo emerge no *Crátilo*, classificando seus sentidos no âmbito de três principais conotações: 1. como um “saber fazer” por intermédio de um instrumento (388e-389a); 2. como posse de um saber noético, no âmbito da análise etimológica dessa palavra (414b-c) e 3. como a arte de representação das coisas através dos nomes (428a-440e).

Exploraremos as passagens designadas no atual trabalho no intuito de mostrar que o termo *tékhnē* não tem três significados destoantes, ou que as três passagens não se sucedem sofrendo rupturas, mas sim que há uma continuidade dos temas tratados no diálogo nos quais o termo *tékhnē* sofre transmutações em seu sentido, que acompanham o desenvolvimento da reflexão dos personagens, culminando para caracterizar o próprio dialético, como aquele que domina a técnica de fazer perguntas e respostas, sendo capaz de dizer se um certo nome é bem-sucedido quando se trata de expressar a natureza daquilo que designa ou não.

1. A *tékhnē* na cultura grega: algumas aproximações com o *Crátilo*

Como nos indicam os verbetes dos mais conceituados dicionários da língua grega antiga (BAILLY, 2000 [1894] e LIDDELL, SCOTT & JONES, 1996 [1843]), podemos perceber que a *tékhnē*, dentre seus vários usos, podia significar uma “arte”, uma “habilidade” e, dela derivada, a palavra *tekhnikós* poderia se referir a um “bom manuseador”, ou um “especialista” profissional. No *Crátilo*, tal sentido parece estar relacionado aos paralelos traçados por Sócrates nas passagens nas quais ele associa a técnica do nomear às técnicas referentes ao manuseio de instrumentos para obter um produto, como na passagem em que Sócrates aproxima o legislador a um tecelão: “O nome, por conseguinte, é instrumento para ensinar a respeito das coisas e para separá-las, tal como a lançadeira separa os fios da teia.”² (*Crátilo*, 388b). Em seguida, Platão se vale da mesma analogia. Sócrates diz que, como na carpintaria, apenas o bom carpinteiro pode realizar bem sua tarefa, apenas quem tem a técnica de nomear será capaz de desempenhar a atividade do legislador (*Crátilo*, 388e – 389a). Vemos, portanto, nessas duas passagens, por intermédio de uma comparação com a técnica do carpinteiro, um uso da palavra *tékhnē* associado ao domínio de uma habilidade.

Um segundo sentido relacionado à palavra *tékhnē* era “caminho”, um “método para chegar a um fim”, como se atesta na obra de Heródoto (1.112). Do mesmo modo, tal significado também se apresenta no *Crátilo* de Platão. Com efeito, a propriedade de se revelar como um “método” foi atribuída ao nome, por Platão, através de Sócrates, ao defini-lo como um instrumento. Na passagem em questão, na medida em que assumimos o nome como instrumento ligado à aprendizagem, à separação e distinção – às propriedades “didascálicas e diacríticas” –, ele poderia, de fato, ser considerado parte de um método que levaria a um objetivo: o ensinar, tal como vimos explicitado na passagem citada no parágrafo anterior (*Crátilo*, 388b13- 388c1).

Um terceiro significado atribuído à *tékhnē* é o de habilidade, técnica ou conhecimento profissional como o de um carpinteiro náutico ou de um metalúrgico e, se fizermos uma aproximação com uma das funções do técnico no diálogo – a de consertar um produto defeituoso – tal profissional que realiza a função de carpinteiro náutico ou de metalúrgico só poderia criar seu produto de acordo com a forma correta, ou seja,

² Ὀνομα ἄρα διδασκαλικόν τί ἐστίν ὄργανον καὶ διακριτικόν τῆς οὐσίας ὡσπερ κερκὶς ὑφάσματος. Em todas as citações, utilizamos a tradução de Carlos Alberto Nunes (PLATÃO, 1988), colocando em nota de rodapé os textos gregos correspondentes à edição crítica da Oxford University Press (cf. DUKE et al., 1995).

tendo como referência a forma do produto final que esteja/estivesse em bom estado, como este deveria ser. Platão, no *Crátilo*, ao falar sobre o técnico, mais especificamente sobre o carpinteiro, afirma que este, ao produzir uma lançadeira, por exemplo, o faz tendo em vista uma forma (*eídos*) de lançadeira a partir da qual ele poderá criar uma lançadeira particular (*Crátilo*, 389a5-c1). Através de uma analogia, Platão, em seguida, afirma que “o nosso legislador deverá saber formar com os sons e as sílabas o nome por natureza apropriado para cada objeto, compondo todos os nomes e aplicando-os com os olhos sempre fixos no que é o nome em si” (*Crátilo*, 389d)³. Ou seja, o critério para a construção de uma lançadeira, assim como dos nomes, é o prévio conhecimento de um padrão de referência (uma forma), que é parte do saber do técnico. Do mesmo modo, quem for responsável pela avaliação do produto desenvolvido dirá sobre sua correção, se ele está de acordo com sua forma natural. Somente poderá dar o aval da “correção” aquele que o utiliza (*Crátilo*, 390b1-390b5). No caso dos nomes, é o dialético, como diz na seguinte passagem: “e a do legislador, ao que parece, é o de dar nomes, sob a direção do dialético, caso deseje criá-los com acerto”⁴ (*Crátilo*, 390d5-390d7).

A partir dessas três nuances associadas a *tékhne*, vemos que Platão mobiliza no diálogo três sentidos comuns da palavra para se referir, de forma complementar, à atividade realizada pelo legislador (*nomothétēs*); ao nome, tomado como instrumento; e à atividade realizada pelo dialético (*dialektikós*). Embora a polissemia do termo tenha abrangência suficiente para abarcar esses três elementos do diálogo, Platão desenvolve distinções ao longo do *Crátilo*, como veremos na sequência.

2. Os sentidos da *tékhne* no *Crátilo*

O *Crátilo* é um diálogo que põe em cena três personagens: Sócrates, Hermógenes e Crátilo, e “nos oferece, senão as respostas, ao menos, um tratamento condigno à sua questão central – qual seja, a justeza dos nomes (*orthotês onomatôn*)” (MONTENEGRO, 2007, p. 368). Tais personagens mencionados mantêm um diálogo sobre os nomes e sua correção. Hermógenes defende a tese de que a relação entre nomes e coisas é definida pela convenção (*nómos*) individual ou coletiva; e Crátilo, por outro lado, sustenta o naturalismo, isto é, a relação entre nomes e referentes intermediada pela *phýsis*, assumindo que “os nomes espelham a natureza das coisas e esta não é senão o constante fluxo” (MONTENEGRO, 2007, p. 369).

Casertano (2010) reconhece três principais partes nesse diálogo: a primeira, na qual Sócrates dialoga com Hermógenes (383a-391d); uma segunda, na qual o foco são as etimologias (391d-427d); e, por último, uma terceira, que consiste em um diálogo com Crátilo (427d-440e) acerca da concepção da linguagem como “fluxo”. O primeiro movimento do diálogo consiste, assim, no exame da tese sustentada por Hermógenes, a arbitrariedade da linguagem, que é rapidamente suspensa à medida que Sócrates coloca o outro em aporia a partir da defesa deste de que cada um poderia desenvolver uma linguagem individual e, como consequência, o homem passaria a ser a medida do significado das palavras. Tal conclusão induziria Hermógenes a concordar com o pensamento de Protágoras, consequência com que o primeiro não concordou (*Crátilo* 385a; d-e, 386a). A partir disso, no diálogo, considerou-se que, quando nos

³ καὶ τὸ ἐκάστῳ φύσει πεφυκὸς ὄνομα τὸν νομοθέτην ἐκεῖνον εἰς τοὺς φθόγγους καὶ τὰς 5 συλλαβὰς δεῖ ἐπίστασθαι τίθεναι, καὶ βλέποντα πρὸς αὐτὸ ἐκεῖνο ὃ ἔστιν ὄνομα, πάντα τὰ ὀνόματα ποιεῖν τε καὶ τίθεσθαι.

⁴ Νομοθέτου δέ γε, ὡς ἔοικεν, ὄνομα, ἐπιστάτην 5 ἔχοντος διαλεκτικὸν ἄνδρα, εἰ μέλλει καλῶς ὀνόματα θήσεσθαι.

relacionamos com algo do mundo, temos de fazê-lo de acordo com sua natureza, por exemplo, se queremos cortar algo, devemos cortá-lo com um instrumento competente no ato de cortar (*Crátilo*, 387a) e, analogamente, o nome será um instrumento usado de acordo com a natureza do nomear (*Crátilo*, 388a); e, portanto, a questão agora seria encontrar a essência de tal natureza.

Tendo estabelecido isso, Sócrates dá início à chamada sessão etimológica, a qual “constituiria precisamente um lugar privilegiado, no qual Platão apresenta, de modo, por assim dizer, performático, uma espécie de ilustração daquilo mesmo que é abordado no decorrer do diálogo: a adequação dos nomes às coisas” (MONTENEGRO, 2007, p. 369). E, então, finalmente, Sócrates trata do assunto da justeza dos nomes. Ao fazê-lo, ele coloca em pauta a tese naturalista de Crátilo, a qual se sustentaria se a atividade etimológica revelasse a essência das coisas através das palavras. Porém, chega-se a um impasse: uma vez que, se a forma de conhecer a natureza que nomes designam é através dos nomes, então como o primeiro nomeador as conheceu para estabelecer os nomes corretos das coisas? Além disso, se as palavras realmente refletem a essência daquilo que elas nomeiam, como há palavras que, de forma bem-sucedida, mas errônea, indicam ambigualmente os objetos relacionados a elas, permitindo, mesmo assim, a comunicação? “Mais que isso, leva Crátilo a recorrer ao costume como critério para a correção de um nome, reabilitando parte do argumento convencionalista de Hermógenes, seu adversário na discussão” (MONTENEGRO, 2007, p. 373). É no embate das duas posições, em torno desses três movimentos principais do diálogo, que o tema da *tékhnē* vem à tona. Veremos abaixo, os três principais contextos.

2.1 *Tékhnē* como um “saber fazer” por intermédio de um instrumento (388e-389a)

A primeira ocorrência do termo *tékhnē* está associada à noção de “saber-fazer”, no contexto que tem início na numeração 387d e fim na 390e. Essa passagem está registrada exatamente depois do uso da imagem de semelhança entre os nomes e outros instrumentos por Sócrates; a qual tem como consequência conceber o nome como um instrumento. É a partir desse movimento que Sócrates conduz Hermógenes à aporia. Depois de concluir que o nome pode ser visto como um instrumento, Sócrates caminha dialeticamente junto de Hermógenes para a conclusão de que o nome é um instrumento utilizado na ação de nomear e, portanto, há alguém que executa essa ação, a saber, alguém que possui técnica, o legislador.

Os dois começam a passagem assumindo como verdadeiro que as ações têm uma maneira adequada de serem realizadas, que elas têm uma natureza (*phýsin*) a ser seguida, portanto, a ação de nomear também vai ter um modo de ser que não é relativo a quem o pratica, mas intrínseco à natureza do nomear (*Crátilo*, 387d4). A partir desse pressuposto, Sócrates se vê apto a fazer um paralelo com as ações de confecção de produtos, ou manipulação do formato de algo, como cortar e tecer. É comum entre os interlocutores a opinião de que para cortar algo, seria preciso um instrumento que corte, ou de que para tecer eu preciso de um instrumento que me auxilie na produção – a lançadeira – e, assim como nessas práticas, o ato de nomear vai precisar de um instrumento: o nome (*Crátilo*, 388a6).

Ainda utilizando da imagem, Sócrates introduz na conversa a pessoa que usa o instrumento para realizar a ação. No ato de tecer, o tecelão será aquele que separa os fios, que conhece a técnica para fazê-lo; no ato de nomear, o professor vai ser aquele que vai usar o nome como “instrumento para ensinar a respeito das coisas e para separá-las” (*Crátilo*, 388c), sendo o legislador, a saber, aquele que sabe a técnica de nomear

(*Crátilo*, 389a). Assim como as técnicas de produção mencionadas no diálogo, o carpinteiro que produz a cítara, por exemplo, na produção dos nomes haverá técnicos excelentes e técnicos que cometam erros ao produzir um nome e, assim como um músico que usa a cítara avaliará se o trabalho do carpinteiro foi bem-sucedido ou não, aquele que vai avaliar o nome de acordo com a natureza do objeto que ele designa vai ser quem sabe interrogar e responder: o dialético.

Lembremos que no *Crátilo* (390c) é justamente o dialético que é apontado como aquele que sabe como nenhum outro usar adequadamente os nomes, supostos como instrumentos (*Crátilo* 388a) fabricados por um legislador de nomes – nomoteta –, ‘o mais raro dos artistas que surgem entre os homens’ (*Crátilo* 389a). Assim, enquanto o trabalho do nomoteta é o de fazer nomes, fixando os olhos na natureza do nome de cada coisa que é (*Crátilo* 390e), o dialético supervisiona esse trabalho (*Crátilo* 390d), a partir de sua atividade de fazer perguntas e dar respostas (*Crátilo* 390c). (MONTENEGRO, 2007, p. 371)

Montenegro explica que, nessa passagem do diálogo, Platão utiliza o termo *tékhnē* como uma técnica de produção, um “saber fazer” e, quando se trata da produção dos nomes, o técnico seria o legislador e o dialético seria aquele que, através de perguntas e respostas, faz uso dos nomes definidos pelo legislador de modo adequado, sendo capaz de corrigir tais nomes. Ou seja, ele é quem vai conferir se estes estão de acordo com a natureza daquilo que designam. Casertano (2010, p. 142) comenta essa relação da seguinte maneira: a técnica como um saber fazer se refere a uma competência específica, mas, quando se trata da prática do dialético, este será aquele que sabe usar os produtos resultantes de uma técnica, ou seja, “quem fala e quer ensinar deve saber usar bem o nome”.

2.2 Levanta-se a questão da *tékhnē* durante o momento da etimologia: a *tékhnē* como domínio de conhecimento noético (414b-c)

No *Crátilo*, a etimologia é o tema sobre o qual mais páginas foram dedicadas, quando comparado aos demais apresentados. Em tal momento, Sócrates dedica-se a uma investigação etimológica cujo objetivo é verificar, na prática, a consequência que decorreria da tese de *Crátilo*: a de que uma análise de palavras poderia levar ao conhecimento das coisas, haja vista que a relação entre um e outro seria natural. Com o objetivo de testar se a etimologia seria um bom método na busca da natureza das coisas, Sócrates empreende tal processo de investigação das palavras, mas o faz através do método que depois será atribuído ao dialético, a saber, o de perguntas e respostas. Como notou Montenegro (2007, p. 371): “por meio do método de perguntas e respostas, Sócrates – que encarna o papel do filósofo/dialético –, acaba por subverter os sentidos comumente atribuídos aos nomes, admitindo a supressão ou o acréscimo de letras e sílabas, a fim de obter o sentido filosófico almejado”.

Nesse contexto, a própria palavra *tékhnē* é objeto de uma análise etimológica. Vejamos a passagem:

Sóc.: Uma delas consiste em sabermos o que poderá significar a palavra “técnica” (*technên*).

Her.: Perfeitamente.

Sóc.: Ora, não indicará essa expressão possessão do pensamento, no caso de suprimirmos o tau e de inserirmos dois oo, um antes e outro depois do n?”⁵ (*Crátilo*, 414b-c)

Podemos perceber que, depois de fazer um estudo da palavra, Sócrates propõe que a técnica se assemelha etimologicamente a “possessão do pensamento” (ἔξις νοῦ),⁶ o que sugere, no âmbito do diálogo, que o técnico seja aquele que possui e leva em conta determinado saber noético (νοῦς) diante de determinada ação. Tal definição dialoga com a passagem em que Sócrates diz que o técnico segue uma forma (εἶδος), a partir da qual ele produzirá determinado objeto:

Logo, quando se trata de fazer uma lançadeira, seja para roupa leve, seja para espessa, de linho ou de lã, ou de qualquer outro material, em todos os casos será preciso construí-la de acordo com a ideia (εἶδος) da lançadeira, dando-lhe, porém, a forma naturalmente mais apropriada para cada espécie de trabalho.⁷ (*Crátilo*, 389b8-c1)

Uma vez que para produzir algo, um técnico segue uma forma do produto (εἶδος), ele também terá, antes da produção efetiva, acesso a um conteúdo noético, o qual deve considerar para produzir o objeto de sua especialidade. Ou seja, há um movimento que o pensamento do técnico realiza que, ao observar a forma, o permite construir um produto o que implica dizer, em outras palavras, que a forma dos objetos (εἶδος) pressupõe a posse de um saber de natureza noética (ἔξις νοῦ).

Entretanto, o ponto principal dessa passagem, ao qual devemos dar uma atenção particular, é que, quando Hermógenes afirma que a proposição de Sócrates é um tanto forçada, Sócrates diz, em seguida, que os falantes que não se preocupam com a verdade deturpam “tanta coisa acrescentando ao nome primitivo, que não há quem possa compreender agora o significado da palavra” (414d). Com isso, Platão, através de Sócrates, nos coloca a questão que nem todos aqueles que usufruem dos nomes são dialéticos, i.e., embora sejam usuários dos nomes, não sabem fazer um uso “correto” deles, porque não possuem o conhecimento da natureza das coisas que tais palavras indicam. Como observa Montenegro a esse respeito: “outra coisa não mostra senão que a natureza da linguagem é ambígua, cabendo ao filósofo, no papel do dialético, ajuizar sobre o melhor significado a atribuir a um nome dentro de um determinado contexto”. (MONTENEGRO, 2007, p. 376).

Portanto, nesse momento, o técnico é aquele que dispõe do conhecimento requerido para a produção de algo, não sendo sua incumbência, contudo, averiguar se determinado produto realiza perfeitamente a função para a qual foi elaborado: um carpinteiro que produz uma harpa, por exemplo, vai apenas seguir um processo dominado por ele para produzir tal objeto, sem se preocupar se a harpa está afinada, ou

⁵ ΣΩ. Ἐπειδὴ γὰρ ἔστιν ἐν καὶ "τέχνην" ἰδεῖν ὅτι ποτὲ βούλεται εἶναι.

EPM. Πάνυ μὲν οὖν.

ΣΩ. Οὐκοῦν τοῦτο γε ἔξις νοῦ σημαίνει, τὸ μὲν ταῦ ἀφελόντι, ἐμβαλόντι δὲ οὐ μεταξὺ τοῦ χειρὶ καὶ τοῦ νοῦ <καὶ τοῦ νοῦ> καὶ τοῦ ἤτα;

⁶ Embora Carlos Alberto Nunes traduza a expressão como “possessão do pensamento”, preferimos traduzi-la como “posse de um conteúdo noético”, que, embora a torne menos transparente, permite que não se confunda “*noûs*” com conteúdo mental, no sentido moderno do termo.

⁷ Οὐκοῦν ἐπειδὴν δέη λεπτῶ ἱματίῳ ἢ παχεῖ ἢ λινῶ ἢ ἔρεῳ ἢ ὀποιῶν τινι κερκίδα ποιεῖν, πάσας μὲν δεῖ τὸ τῆς κερκίδος ἔχειν εἶδος, οἷα δ' ἐκάστῳ καλλίστη ἐπεφύκει, ταύτην ἀποδιδόναι τὴν φύσιν εἰς τὸ ἔργον ἕκαστον;

capaz de produzir harmonia. Aplicando tal definição ao técnico responsável pela produção dos nomes, o legislador, torna-se patente que este mobiliza seu saber para produzir e atribuir os nomes às coisas, de acordo com sua técnica, mas não lhe compete refletir se tal nome escolhido está de fato de acordo com a natureza daquilo que nomeia e, mesmo que ele escolha um nome adequado, posteriormente, este pode ser alterado pelos usuários da língua, os quais, por sua vez, também não possuem, todos eles, o juízo crítico do dialético.

Assim, o papel de crítica que compete ao dialético torna-se fundamental quando se trata dos nomes, pois, uma vez que o nome pode ser formulado de forma errônea, ou corrompido com alterações dos falantes comuns, é necessário que haja alguém como o dialético que, dominando a ciência da justeza dos nomes, seja capaz de avaliar se estão ou não de acordo com sua natureza, ou, nos termos do diálogo, com sua “essência” (οὐσία). Em suma, “o dialético é pois quem pode investigar a correção e a verdade dos nomes: nada sabe acerca da sua origem, mas é o único que pode julgar da sua eficácia e da sua adequação” (CASERTANO, 2010, p. 149).

2.2 *Tékhnē* como a técnica de representação correta das coisas através dos nomes (428a-440e)

Conforme vimos, de acordo com a divisão que Casertano (2010) propõe para o *Crátilo*, a terceira parte do diálogo consiste em uma discussão entre Sócrates e Crátilo sobre a tese naturalista e as consequências que decorreram do exercício etimológico precedente. É nesse âmbito que temos também a terceira ocorrência do termo *tékhnē*, ao qual direcionamos nossa atenção nessa seção do texto.

Nessa passagem, Crátilo defende a técnica do legislador como aquela que mostra a igualdade entre diferentes, ou seja, que usa o nome, que é diferente da coisa, para apresentá-la de acordo com sua natureza: “Para Crátilo, os nomes produzem ensino (435d4), e quem conhece os nomes conhece também as coisas” (CASERTANO, 2010, p. 144). Por outro lado, também nessa parte do diálogo, Sócrates utiliza-se de uma imagem em que, assim como os pintores, dentre os quais há aqueles que exercem seu trabalho com excelência, confeccionando melhores pinturas que os medíocres, também dentre os legisladores, haveria aqueles que designam belamente os nomes, enquanto outros nem tanto (428e-429b). Contudo, nesse ponto, Crátilo discorda de Sócrates: para ele, os nomes que não designam corretamente os objetos que indicam não deveriam ser considerados nomes; frases com tais palavras que não foram colocadas corretamente careceriam de sentido (429c-e). Contudo, como notou Sedley, “a aparente desvantagem é que nós não temos como dizer quais sequências de som são nomes reais, a menos que nós já saibamos antecipadamente as verdades relevantes”⁸ (SEDLEY, 2003, p. 132).

Então, Sócrates faz uma analogia entre a pintura, que seria a imitação de alguma coisa, assim como os nomes são daquilo que eles designam (de acordo com o Crátilo), e, portanto “resulta que a correção de um nome agora, como em um retrato, jaz no seu grau de semelhança ao objeto que é designado.”⁹ (SEDLEY, 2003, p. 136). Vejamos o contexto:

Essa espécie de atribuição, camarada, das duas imitações, tanto a das imagens quanto a das palavras, além de certa, nomeia de modo correto e

⁸ The apparent drawback is that we will have no way of telling which strings of sound are real names, unless we already antecedently know the relevant truths.

⁹ The correctness of a name it now turns out, like that of a portrait, lies in the degree of its resemblance to the object to which it has been allocated.

verdadeiro. A outra, que atribui e aplica aos objetos o que não se lhes assemelha, não somente não é certa, como também é falsa sempre que diz respeito a nomes. (*Crátilo*, 430d)

Ao dizê-lo, Sócrates insinua que o pintor que imita o que é pintado usando as cores certas e seguindo o modelo imitado, produz um resultado belo, enquanto aquele a que faltam cores, ou as usa em excesso, não terá sucesso em seu produto final; analogamente, o legislador que segue a natureza das coisas ao nomeá-las teria um resultado belo, enquanto o que não as segue, teria um resultado medíocre, podendo haver, assim, legisladores maus (431c-d). Além disso, seria importante destacar, com Sedley (2003, p. 135), que “Sócrates é cuidadoso para não dizer que os nomes eles mesmos são verdadeiros ou falsos: a verdade ou falsidade apoia-se na forma que eles são designados a coisas quando combinados em um discurso.”¹⁰

Diante disso, Sócrates segue dizendo:

E como seria risível, Crátilo, o efeito dos nomes sobre as coisas que eles designam, se em tudo eles fossem reprodução exata dessas coisas! Tudo ficaria duplicado, sem que ninguém fosse capaz de dizer qual era a própria coisa, e qual o nome.¹¹ (*Crátilo*, 432d5)

Com isso, ele mostra que, além de o legislador poder falhar no fornecimento de bons nomes, tais nomes não poderiam ser a cópia idêntica daquilo que eles designam; isso porque não teriam como diferenciar o nome e a coisa. Portanto, os nomes podem não ser aplicados de forma correta, uma vez que não são necessariamente uma cópia idêntica da natureza da coisa que designam.

Montenegro fala desse caminho percorrido até aqui da seguinte forma:

Sócrates logo se encarrega de mostrar que a tese de Crátilo não se sustenta, uma vez que tanto nomes semelhantes quanto dessemelhantes à coisa imitada podem significá-la. Mais que isso, leva Crátilo a recorrer ao costume como critério para a correção de um nome, reabilitando parte do argumento convencionalista de Hermógenes, seu adversário na discussão. Desse modo, torna-se necessário admitir que a convenção, apesar de parecer-lhes (a Crátilo e a Sócrates) um recurso grosseiro (*Crátilo* 435c), também desempenha importante papel na correção dos nomes.” (MONTENEGRO, 2007, p. 373).

Além disso, Sócrates leva Crátilo a afirmar que, através da convenção, os nomes primitivos, mesmo que estivessem de acordo com a natureza que designam no princípio, sofrem alterações pelos falantes que muitas vezes não se preocupam com a verdade (433e4), tornando as palavras malformadas.

Depois desse movimento argumentativo, Sedley conclui:

¹⁰ Socrates is careful not to say that names themselves are true or false: the truth or falsity lies in the way they are allocated to things when deployed in speech.

¹¹ Γελοῖα γοῦν, ὦ Κρατύλε, ὑπὸ τῶν ὀνομάτων πάθοι ἂν ἐκεῖνα ὧν ὀνόματά ἐστιν τὰ ὀνόματα, εἰ πάντα πανταχῆ αὐτοῖς ὁμοιωθεῖη. διττὰ γὰρ ἂν πού πάντα γένοιτο, καὶ οὐκ ἂν ἔχοι αὐτῶν εἰπεῖν οὐδέτερον ὀπότερόν ἐστι τὸ μὲν αὐτό, τὸ δὲ ὄνομα.

- (a) Para qualquer nome, seu sucesso como um instrumento comunicativo depende, principalmente, dos seus poderes de imitação, mas talvez dependa também de um grau de convenção.
- (b) Para os nomes em sua maioria, seu sucesso como instrumentos para comunicação depende dos seus poderes de imitação, mas talvez haja nomes dos quais o poder de imitação dependa completamente da convenção.¹² (SEDLEY, 2003, p. 141)

Para tomar a proposição de Crátilo como válida, a saber, a de que não existem nomes malformados, pois estes nem sequer seriam nomes, seria necessário tomar como pressuposto que, apesar de humano, o legislador não cometeria erros na ação de nomear e, se ele cometesse um erro, aquilo que ele errou não seria considerado um nome. É importante destacar que, como consequência de tal tese, o dialético seria completamente desnecessário, uma vez que, como as palavras sempre corresponderiam à natureza das coisas, não seria necessário alguém que avaliasse a sua justeza.

Porém, Sócrates não somente refuta essa tese convencendo Crátilo de que podem haver nomes malformados e que a convenção pode interferir na formação deles, como também leva à aporia aquela identificação ontológica entre nomes e coisas por intermédio da *phýsis*, isto é, porque tais nomes refletem a sua natureza, bastaria tomá-los como o objeto de estudo se alguém quisesse conhecer a natureza das coisas. E ele o faz dizendo que, se o único meio de conhecer a tão almejada natureza das coisas fosse através de uma análise dos nomes (tal como o experimento etimológico, todavia fracassado), não haveria como o legislador conhecê-la, uma vez que ainda não existiam nomes antes de sua imposição (*thésis*). Acrescenta ainda que, como em outras técnicas, a do nomear é arte dominada por homens, podendo haver técnicos excelentes enquanto outros não são e, por isso, existe a possibilidade de falha; disso decorre a necessidade do dialético na correção dos nomes que foram aplicados erroneamente.

Portanto, nessa parte, o legislador é aquele que, tendo conhecimento da forma das coisas e, ao fornecer nomes que, por não serem idênticos às coisas, podem ser mal colocados e, além disso, como o legislador não é um deus, mas um homem, ele pode não exercer sua produção com excelência. Nesse sentido, o legislador não é senão um técnico – tal como os demais – embora se pressuponha, para um bom técnico, um conhecimento da forma daquilo que ele produz, se pretende construir bons nomes. Em todo caso, quem é capaz de julgar sua correção não é um técnico, mas é um dialético. Assim, com uma margem de erro na garantia dos nomes como acesso às essências, cabe ao dialético avaliar os nomes.

Considerações finais

Em linhas gerais, observamos que o sentido de *tékhne* como um “saber fazer” se mantém nos três contextos do diálogo *Crátilo*. Há, contudo, nuances diferentes em cada um desses contextos, que são produzidas como consequência das tensões entre os argumentos de Hermógenes, Crátilo e o emprego da metodologia dialética por Sócrates. Nesse sentido, parte-se de uma analogia da *tékhne* de produção dos nomes com as demais técnicas produtivas (a carpintaria, a produção de instrumentos musicais), para, em seguida, propor-se uma espécie de conhecimento a ela vinculado (um conhecimento

¹² (a) For any name, its success as a tool for communication depends, at least largely, on its imitative powers, but may also depend on a degree of convention; (b) For most names, their success as tools for communication depends on their imitative powers, but there may be some names whose communicative powers depend purely on convention.

noético, que permite a compreensão da forma das coisas) o qual, por sua vez, difere-se do conhecimento e da ação do dialético.

A *tékhnē* pode ser vista, portanto, como um saber fazer produtivo e o trabalho do legislador pressupõe um conhecimento técnico de produção que permitirá a ele nomear as coisas através de um instrumento, o nome. Mas, é somente na parte etimológica do *Crátilo* que Sócrates coloca a técnica como o domínio de um conhecimento noético, condição que permite compreender que tal trabalho pode ou não ser realizado com excelência (em virtude do maior ou menor domínio dessa técnica). No caso da nomeação, uma vez produzidos os nomes pelo técnico (i.e. pelo legislador), as palavras ficam expostas aos falantes que, todavia, não dispõem de tal conhecimento, podendo, pelo uso, alterar os nomes, sem compromisso com a sua “justeza” ou “correção”. A partir disso, as palavras não são tão confiáveis à primeira vista para a busca da correção entre nomes e coisas, do que decorre a importância do dialético como aquele que seria capaz de observar a justeza de tais nomes às naturezas das respectivas coisas que designam. (*Crátilo* 390d).

Se concebermos, como Crátilo, que o legislador não é capaz de, ao realizar a técnica de nomear, atribuir um nome errado a um certo objeto, tendo sua natureza como critério, então a *tékhnē* já seria autossatisfatória, ou seja, seria suficiente na sua própria aplicação, tornando a dialética – como método de correção do dialético – inútil. Mas, se nossa concepção se aproxima da de Sócrates, então concebemos que a *tékhnē* do legislador como uma ação de representar as coisas através de um diferente, o nome, é falível. Portanto, torna-se necessária atuação do dialético na observação da justeza de tais nomes.

Ao estudarmos a relação dessas significações com o dialético, pudemos perceber que os significados do termo no *Crátilo* não são apresentados em contextos pontuais de forma fragmentária, mas é possível percebê-los coerentemente de acordo com o avanço da pesquisa no próprio diálogo. Conclui-se, portanto, que, apesar de ser possível conceber diferentes sentidos para a *tékhnē* significados ao longo do *Crátilo*, tais sentidos se articulam tendo em vista a demonstração da insuficiência dos argumentos de Hermógenes e Crátilo a respeito da relação entre nomes e coisas e a sugestão de Sócrates do dialético como quem é capaz de conhecer e avaliar a justeza dos nomes.

Referências

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec/Français*. France: Hachette, 2000 [1894]

BRANDWOOD, L. *Word index to Plato*. Leeds W. S. Maney and son, 1976.

CASERTANO, G. *Paradigmas da verdade em Platão*. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

DUKE, E. A.; HICKEN, W. F.; NICOLL, W. S. M.; ROBINSON, D. B.; STRACHAN, J. C. G. *Platonis Opera*. New York: Oxford University Press, 1995.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H.S. *A Greek-English Lexicon*. 9. ed. rev. e amp. New York: Oxford University Press, 1996 [1834].

MONTENEGRO, M. A. P. *Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão*. In: *Kriterion*, nº 116. Belo Horizonte, 2007, p. 367-377.

PLATÃO. *Crátilo. Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.

SEDLEY, D. *Plato`s Cratylus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Data de envio: 24-10-2018

Data de aprovação: 02-09-2019

Data de publicação: 05-10-2019